



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

PATRÍCIA LUANA ARAÚJO DOS SANTOS FIDELIS

**A COMUNIDADE CIGANA NO MUNICÍPIO DE EQUADOR – RN: ORIGEM,
TERRITORIALIZAÇÃO E CULTURA**

**Campina Grande - PB
2021**

PATRÍCIA LUANA ARAÚJO DOS SANTOS FIDELIS

**A COMUNIDADE CIGANA NO MUNICÍPIO DE EQUADOR – RN: ORIGEM,
TERRITORIALIZAÇÃO E CULTURA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a Coordenação do Curso
Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito final à obtenção
do título de licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Tavares Valverde

**Campina Grande - PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F451c Fidelis, Patricia Luana Araujo dos Santos.
A comunidade cigana no município de Equador – RN
[manuscrito] : origem, territorialização e cultura / Patricia Luana
Araujo dos Santos Fidelis. - 2021.
30 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Arthur Tavares Valverde ,
Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Ciganos. 2. Territorialidade. 3. Equador - Rio Grande do Norte. I. Título

21. ed. CDD 306

PATRÍCIA LUANA ARAÚJO DOS SANTOS FIDELIS

**A COMUNIDADE CIGANA NO MUNICÍPIO DE EQUADOR – RN: ORIGEM,
TERRITORIALIZAÇÃO E CULTURA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a Coordenação do Curso
Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito final à obtenção
do título licenciado em Geografia.

Aprovada em: 09/08/2021.

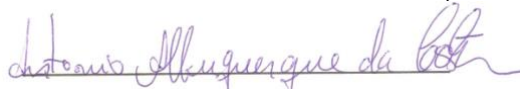
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Arthur Tavares Valverde
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ms. Maria Marta dos Santos Buriti
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Agradeço a Deus por todo o cuidado para comigo. Dedico esse trabalho a minha mãe, Leciana, uma mulher forte e guerreira que esteve ao meu lado em todos os momentos e ao meu esposo, Diego, por seu apoio inestimável e ajuda durante todo o percurso. Amo vocês. À comunidade cigana em Equador/RN.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	O POVO CIGANO, SUA ORIGEM E SUA CHEGADA AO BRASIL.....	7
3	A COMUNIDADE CIGANA EM EQUADOR/RN	10
3.1	Caracterização do município.....	11
3.2	A comunidade cigana.....	11
4	DO NOMADISMO À TERRITORIALIZAÇÃO: COMO MANTER A CULTURA?	14
4.1	Considerações sobre o conceito de Território.....	14
4.2	O nomadismo cigano, processo de territorialização e a territorialidade.....	15
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS: A CULTURA CIGANA E SEUS DESAFIOS	18
	REFERÊNCIAS.....	21
	APÊNDICE A	24
	APÊNDICE B	26
	ANEXO I	27

A COMUNIDADE CIGANA NO MUNICÍPIO DE EQUADOR – RN: ORIGEM, TERRITORIALIZAÇÃO E CULTURA

THE GYPSY COMMUNITY IN THE CITY OF EQUADOR - RN: ORIGIN, TERRITORIALIZATION AND CULTURE

Patrícia Luana Araújo dos Santos Fidelis

RESUMO

Os Ciganos são um povo historicamente perseguido. Sua origem, cultura, territorialidade são muitas vezes desconhecidos, levando à um preconceito enraizado na sociedade, mesmos nos dias atuais. Sendo assim, o objetivo deste trabalho era buscar conhecer melhor história do povo cigano, sua cultura e seu território, dando ênfase à comunidade cigana presente no município de Equador, localizado no estado do Rio Grande do Norte. Pretende-se apresentar alguns dos desafios enfrentados, o preconceito sofrido, como a cidade assiste a esse grupo e como se dá sua territorialidade e cultura. Para o desenvolvimento deste trabalho foram realizadas pesquisas bibliográficas e entrevistas com a o setor de Assistência Social do município e com representante comunidade cigana local. Como resultado obtém-se um conhecimento mais aprofundado sobre a história e lutas do povo cigano no município de Equador/RN.

Palavras- chaves: Ciganos; Territorialidade; Equador/RN.

ABSTRACT

Gypsies are a people historically persecuted. Its origin, culture, territoriality is often unknown, leading to a prejudice rooted in society, even today. Therefore, the objective of this paper is to seek to learn more about the history of the Roma people, their culture, and their territory, emphasizing the Roma community present in the municipality of Equador, located in the state of Rio Grande do Norte. We intended to present some of the challenges they face, the prejudice suffered, how the city assists this group, and how its territoriality and culture occurs. For the development of this work, bibliographic research and interviews with Social Assistance and with a gypsy, who represented the local community, were carried out. As a result, more in-depth knowledge of the history and struggles of the Roma people in the municipality of Equador / RN is obtained.

Keywords: Gypsies; Territoriality; Equador- RN.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a presença cigana, embora que ignorada, é bastante expressiva. Inúmeras cidades contam com a presença de comunidades ciganas ou esses já foram utilizados para acampamentos de grupos que permanecem com o estilo de vida nômade. Os ciganos são um povo cuja história é rica em cultura e tradições, embora muito do que conhecemos sejam fatos generalizados de um saber antiquado e muitas vezes preconceituoso, que são transmitidos por gerações, perpetuando um pensamento discriminatório que vem desde o surgimento desse povo.

As comunidades ciganas nômades, com o passar dos anos têm se territorializado, ou seja, se fixando no território com identidades bem definidas. A sedentarização dos ciganos vem sendo um processo cada vez mais presente e muitos desses acontecimentos estão diretamente ligados com as imagens anti-ciganas presentes na sociedade, que marginalizam esses grupos.

O processo de sedentarização de uma comunidade cigana ocorreu no município de Equador, estado do Rio Grande do Norte. A comunidade cigana presente nessa cidade pertence à etnia Calon e reside na Rua Joaquim Pedro da Silva, popularmente conhecida como “Rua dos Ciganos”, no bairro Dinarte Mariz, sendo composta por aproximadamente 50 ciganos, desde meados da década de 70.

A partir da observação dessa comunidade, a qual se territorializou no município de Equador, surgiu à necessidade de entender os motivos de comportamento de um povo que historicamente é nômade. Considerando também que são poucos os trabalhos e estudos que abordam essa problemática, vê-se a necessidade uma pesquisa que venha focar nesse grupo, conhecer mais suas origens, desafios, bem como se dá seu processo de territorialização.

Por ser um povo que tem sua história marcada por perseguição e preconceitos que existem até os dias atuais, faz-se necessário entender os motivos que os levaram a se fixar na cidade de Equador. Um povo com características próprias, língua própria e sua própria cultura. Esse trabalho busca apresentar conceitos e informações sobre os povos ciganos, com ênfase na comunidade cigana existente em Equador.

Sendo assim, este artigo tem por objetivo analisar um pouco da história dos ciganos no Brasil e sua presença no município equadorenses, buscando identificar como os aspectos culturais permanecem, bem como a identidade existente no grupo através de seu território.

Para tanto, este trabalho foi desenvolvido com base na realização de pesquisas bibliográficas e de campo. As pesquisas bibliográficas sobre o surgimento do povo cigano e dificuldades enfrentadas por eles, utilizando como referência dados da Embaixada Cigana no Brasil, e outros pesquisadores que apresentaram trabalhos sobre esse, dentre estes, Marcos Toyansk Silva Guimarães e Rodrigo Corrêa Teixeira.

Da mesma forma, foi usado como base, obras sobre o conceito de território, para termos uma melhor compreensão sobre o processo de territorialização e a territorialidade. Entre os autores utilizados, destacamos os geógrafos Rogério Haesbaert e Milton Santos e suas obras sobre o território.

Para as pesquisas de campo foram realizadas entrevistas com a secretária da assistência social do município de Equador, Jane Carmem Pereira Silva, e com Regina Cavalcanti Dias, cigana que reside no município, buscando assim obter um

maior conhecimento sobre o grupo, bem como os serviços prestados pela cidade e os desafios enfrentados por ser um cigano nessa localidade.

O trabalho está estruturado em três tópicos que abordam desde a chegada do povo cigano ao Brasil à sua territorialização em Equador, subdividindo-se em três seções para além da introdução: a primeira aborda o conhecimento sobre quem são os ciganos, sua origem, bem como sua chegada ao Brasil; na segunda, abordamos o nosso objeto de estudo, a comunidade cigana em Equador; e na terceira é apresentado um breve resumo sobre o território e o processo de territorialização, o nomadismo, e como considerações finais são apresentados alguns dos desafios de se manter a cultura cigana nos dias atuais.

2 O POVO CIGANO, SUA ORIGEM E SUA CHEGADA AO BRASIL

O dicionário de língua portuguesa Michaelis *on-line* (2019) traz os seguintes significados para a palavra cigano:

1 Diz-se de ou povo nômade, originário do noroeste da Índia, que emigrou para a Europa central e que, atualmente, encontra-se presente com sua cultura e costumes em vários países do Ocidente. Dedicar-se ao comércio de cavalos, música, prática das artes divinatórias, artesanato, venda de miudezas etc.; calom, quico, zíngaro.

2 FIG Que ou aquele que tem grande habilidade para o comércio.

3 PEJ Diz-se de ou mercador ambulante, que oferece miudezas em domicílios.

4 PEJ Que ou aquele que leva vida itinerante e/ou de boêmio. (MICHAELIS, 2019).

Descrever ou especificar quem são os ciganos é bastante complexo, uma vez que dentro desse povo existem várias subdivisões e, em cada uma dessas, há sua própria ciganidade (termo utilizado para fazer referência à identidade e/ou cultura cigana):

A ciganidade é a forma de se relacionar com o mundo e consigo mesmo que os ciganos desenvolveram em uma história milenar, permeada de perseguições e sofrimentos, sem nunca perder de vista que tudo isso serviria para reforçar sua identidade cultural. (ANDRADE JUNIOR, 2013, p.96)

Segundo Ramanuch (2011, p.7), os ciganos são divididos em três grandes grupos: *Rom/Roma*, *Calon* – maioria no Brasil - e *Sinti*. Esses três grupos se subdividem, como por exemplo, os *Roma* em *Lovara*, *Machivaia*, *Xoraxane*, entre outros. Ramanuch (2011/2020), Presidente da Embaixada Cigana no Brasil, assim os descreve:

Existem divisões e subdivisões em diferenças territoriais, culturais e linguística entre esses três grupos portadores de etnia cigana. Além de várias atribuições que não ciganos nos atribuem, temos nossas autodenominações. (RAMANUCH, 2011. p.07)

Os *Calons* em sua grande maioria subsistem de compra, venda e escambo. Vivem em comunidades e muitas vezes com estilo de vida rural, mesmo habitando em zona urbana. Sua língua é *Caló*. Chegaram ao Brasil, degredados de Portugal no século XVI. (RAMANUSH, 2020)

Rom/Roma são ciganos que priorizam a vida em comunidade e consideram que as relações de parentesco e espaço são a característica fundamental de sua

ciganidade. Sua língua é o *Romani*. Chegaram ao Brasil com imigrantes europeus no século XX. (RAMANUSH, 2020)

Ainda conforme Ramanush (2020), os *Sintis* vivem em comunidades e consideram que a família é a responsável pela formação da identidade do indivíduo, e isso lhes serve de fundamento. *Sintó* é a língua por meio da qual se comunicam. Não há relatos de sua chegada aqui no Brasil e em questão numérica são relativamente minoritários.

Consoante Guimarães (2012, p.55) “a diversidade é um efeito da diáspora”, ou seja, a diferenciação entre esses grupos é uma consequência da dispersão ocasionada pela perseguição étnica aos ciganos. Segundo Ramanush (2011):

Os Rom, os Calon e os Sinti representam, verdadeiramente, entidades históricas. Pois, certo é que estão ligados a uma história comum, assim como por nossas tradições e língua. Ainda que haja especificidades culturais em cada grupo, oriundas da região onde o grupo tenha se tornado sedentário. (RAMANUSH, 2011. p.7)

Historicamente, conforme o presidente da embaixada cigana no Brasil, Nicolas Ramanush (2011, p.4) em sua obra, “Cultura Cigana, nossa história por nós”, os povos ciganos originaram-se no noroeste da Índia, após sua saída do país, datada de aproximadamente de 1.300 e 1.400 d.C., eles partiram para diversos outros países, alguns grupos se dirigiram para a Ásia Central, outros para a Pérsia e alguns outros grupos partiram para o ocidente, chegando a Europa, indo para Portugal, França, Espanha, Escócia, Itália, Alemanha, entre outros países.

Cada um dos grupos apresentam características distintas, porém, mesmo com aspectos diversos assemelham-se no que diz respeito às atribuições primordiais. Todos valorizam a família e vivem em comunidade. Suas línguas não possuem escrita, ou seja, são ágrafas e não são faladas por não-ciganos:

[...] Há a necessidade de reconhecimento da identidade cigana, que é frequentemente contestada, não apenas em decorrência da diversidade entre os muitos grupos, mas porque muitos perseguidores de ciganos questionam a validade da identidade étnica [...].(GUIMARÃES, 2012, p.51)

Sobre esses grupos é de suma relevância enfatizar a presença de um fator que por muito tempo foi crucial para caracterizar os ciganos: o nomadismo. Consoante Ramanush (2011, p.08):

As viagens e os deslocamentos sempre ocuparam papéis funcionais e não tradicionais. Pois permitiam o exercício de nossas profissões (geralmente artesanais e bem apreciadas, como utensílios domésticos de metal e de madeira, caixeiro viajante, negociante de cavalos, feirante, artista). As viagens tinham, e ainda tem uma função econômica. E ocorria o tal “nomadismo”, por conta que éramos expulsos do local.

Contudo, hoje no Brasil, a maior parte da população cigana possui o estilo de vida sedentário, se territorializaram, estabelecendo suas comunidades em municípios, não passando a viver mais em barracas, mas sim, em casas, como é direito assegurado por nossa Constituição. RAMANUSH (2011)

Segundo Teixeira (2008, p.15), a história cigana no Brasil iniciou-se em meados do século XVI, no ano de 1574, quando Portugal desagregou João Torres, sua esposa e filhos, por serem ciganos, com isso eles foram expulsos do país e desembarcaram no Brasil. Pois o Clero e a Coroa de Portugal consideravam uma

heresia a cultura cigana. Esta perseguição se estendeu por muitos anos e em 1686, século XVII, a coroa portuguesa deportou grande número de ciganos para o Brasil, que ainda era colônia. Esses ciganos eram da etnia *Calon*. Sendo então, os *Calons*, o primeiro grupo cigano a chegar ao Brasil.

O padre Bluteau (1789, p.272) em seu dicionário de Vocabulário português & latino 1638-1734, mostra a apreensão da Igreja portuguesa quanto ao comportamento cigano, no início do século XVIII, ele relata que cigano é “raça. de gente vagabunda, que diz vem do Egito”.

A perseguição aos ciganos perdurou por muitos anos, somente no século XIX, no ano de 1808, com a chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro, os ciganos, principalmente os comerciantes de escravos, passaram a usufruir de uma ascensão socioeconômica, pois com a implantação da Corte portuguesa, muitas transformações ocorreram no campo político, econômico e social. (TEIXEIRA, 2008, p.22).

Todavia, em 1820 com as atividades políticas a favor da independência, o curto período de notoriedade cigana acabou. Ainda no século XIX, em 1850, o declínio do comércio de escravos, fez com que grande parte dos ciganos passasse a comercializar animais, como cavalos e mulas. Alguns ciganos ainda persistiram no comércio de escravos e, em 1888 com a abolição da escravatura, perderam sua principal fonte de renda. (TEIXEIRA, 2008, p.64)

Com o fim da escravidão, o prestígio social e econômico dos ciganos ruiu. As elites brasileiras, com o processo de civilização e progresso, “pretenderam estabelecer um reordenamento físico das cidades, higienizar as vias públicas e excluir dos centros urbanos todos os indivíduos que não se adequaram à nova ordem.”.

Então os ciganos viram-se novamente perseguidos, pois esse reordenamento resultaria na exclusão das classes sociais mais marginalizadas, as quais eles faziam parte. Nos anos de 1892 a 1903, em Minas Gerais, houve grande perseguição contra os ciganos, evento que ficou conhecido como “A correria dos Ciganos”, mas o maior número de registros desse acontecimento ocorreu entre 1892 e 1897. (TEIXEIRA, 2008, p.40).

Na última década do século XIX e nos primeiros anos do século XX, entre as principais diligências, a polícia mineira executou operações que combateram numerosos bandos de ciganos. Em seguidos anos, os relatórios dos comandantes da Brigada Policial, informam que o maior número de baixas em serviço são provocados pelos confrontos com ciganos. (TEIXEIRA, 2008. p.41)

Sobre “A correria dos Ciganos” Teixeira (2008, p.42), ainda afirma:

Nos primeiros meses de 1897, a força armada estadual fez constantes e “fatigantes marchas e contramarchas”, provocando a debandada dos ciganos. A polícia agia expulsando os ciganos de cidade em cidade, sem promover um extermínio generalizado e também sem tentar estabelecer qualquer acordo.

A correria dos ciganos, com é possível observar, foi um evento de grande perseguição étnica e cultural, marcada pelo abuso de autoridade por parte dos policiais, que agiram expulsando e ocasionalmente matando ciganos. Quando analisamos esse episódio da história, vemos que ele é um marco do preconceito vivenciado por esse povo no Brasil em sua luta para poder permanecer em uma

localidade, para montar seus acampamentos, visto que eles foram expulsos de cada cidade pela brigada policial mineira.

Ainda no século XX, vieram da Europa, principalmente central e oriental, outro grupo de ciganos, os *Rom*, que chegaram ao Brasil, no contexto de imigrações, vieram com outros imigrantes europeus. Contudo, segundo Teixeira (2000) *apud* Medeiros e Soares (2019, p.5) “Vale ressaltar que é muito provável que a entrada desses povos se deu de forma clandestina, visto que à época a guarda portuária proibia a entrada dos ciganos no País”.

Medeiros e Soares (2019, p.9) sobre a trajetória dos ciganos no Brasil ressaltam que:

O debate sobre a cidadania desses sujeitos surge na agenda nacional nos anos 1990, quando têm reconhecida seu status de minoria étnica pela Lei Complementar 75/93, mas é a partir dos anos 2000 que ocorrem os marcos da cidadania cigana. Em 2002 são pela primeira vez eixos temáticos na V Conferência Nacional de Direitos Humanos, em 2002 a inserção no Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH).

No ano de 2006, o então Presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula Da Silva, decretou o dia 24 de Maio como o Dia nacional do Cigano. Conforme o decreto do dia 25 de maio,

Art. 1º Fica instituído o Dia Nacional do Cigano, a ser comemorado no dia 24 de maio de cada ano.

Art. 2º As Secretarias Especiais de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos da Presidência da República apoiarão as medidas a serem adotadas para comemoração do Dia Nacional do Cigano.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 25 de maio de 2006; 185ª da Independência e 118ª da República.

Esse decreto foi instituído por compreender os ciganos como uma etnia de grande relevância para a formação do povo brasileiro e de sua identidade. Mesmo com todo o percurso percorrido pelos ciganos, de sua chegada ao Brasil até o reconhecimento de sua importância para a identidade brasileira, muitos desafios ainda persistem para este povo, como também o forte preconceito ainda está presente nos dias atuais.

Um dos desafios, tal qual preconceitos, enfrentados pelos ciganos é o fato da sedentarização, fixar residência permanente em um local, visto que, é pré-concebido que todo cigano é nômade, quando pensa-se nesse povo, os pensamentos estão, quase sempre, ligados ao nomadismo:

Embora alguns ciganos sejam nômades e outros utilizem diversos mecanismos de resistência à integração/assimilação, essa abordagem identitária não possui consistência e nem respaldo científico e apenas reforça os estereótipos que foram cultivados na sociedade ocidental. (GUIMARAIS, 2012. p.60)

Contudo, o processo de sedentarização de comunidades ciganas, está cada vez mais presente na sociedade. O procedimento de territorialização cigana está sendo gradativamente mais frequente no Brasil. Podemos observar um exemplo de territorialização cigana, o do município de Equador, no interior do estado do Rio Grande do Norte, que será analisado neste trabalho.

3 A COMUNIDADE CIGANA EM EQUADOR - RN

3.1 Caracterização do município

O município de Equador está situado no interior estado do Rio Grande do Norte, com área de territorial de 264,985 km². Conforme último Censo Demográfico realizado em 2010 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), sua população era de 5.822 habitantes. Para o ano de 2020, o IBGE estima em 6.054 habitantes.

Localizado na região do Seridó Potiguar, Equador encontra-se na divisa do estado do Rio Grande do Norte com a Paraíba, tendo como municípios limítrofes do estado paraibano São José do Sabugi, Junco do Seridó e Tenório. Com clima semiárido, está situada a 572 metros acima do nível do mar.

O município está dividido em cinco bairros, sendo eles: Auto do Juazeiro, Auto da bela Vista, José Marcelino, Centro e Dinarte Mariz, bairro no qual encontrasse a comunidade cigana. Equador também possui uma vasta zona rural, onde contamos com 10 comunidades rurais: Malhada da areia, Carneira (esse sítio está dividido entre o RN e a Paraíba, por isso, parte dele pertence a Junco do Seridó/PB), Favela, Boqueirãozinho, Pau dos Ferros, Quintos, Galo Branco, Chã, Bulandeira, Boa Vista e Jacú.

A economia da cidade é principalmente centrada na extração do Caulim, através das três empresas de decantação presentes na cidade e também nas duas facções de costuras, os demais, com exceção da Rede Irmãos Cantalice (Supermercado, material de construção e Posto de combustível), possuem pequenos negócios, trabalham para a prefeitura ou dependem do auxílio governamental.

3.2 A comunidade cigana

A comunidade cigana de Equador é formada, conforme a secretária da Assistência Social do município, por ciganos da etnia *Calon*. O grupo cigano é composto por aproximadamente 50 ciganos, sendo esse número distribuído entre crianças, jovens, adultos e idosos.

Esse grupo é considerado uma comunidade jovem, segundo a secretária da assistência social, conta-se com aproximadamente 14 crianças, 5 jovens, 25 adultos e 7 idosos. Constituindo entre 10 à 12 famílias. A fonte de renda destes vem de empregos pela prefeitura municipal, alguns são concursados e também há o auxílio governamental para algumas famílias. O grupo reside no Bairro Dinarte Mariz, localizado na zona leste de Equador, município situado no interior do estado do Rio Grande do Norte, a maior parte das famílias moram na Rua Joaquim Pedro da Silva, popularmente conhecida na cidade com “Rua dos Ciganos”, o restante do grupo reside em ruas vizinhas.

Segundo um cigano da comunidade, a origem dessa comunidade em Equador teve início quando os ciganos de famílias influentes dentro das comunidades da região de Equador, ligaram-se em matrimônio, sendo estas a família Targino e a família Dantas, já juntos aos Cavalcante. Com Isso, o cigano Marcelino Targino Dantas, filho de Joaquim Dantas, tornou-se chefe de um grande grupo de ciganos, ao qual uniu-se várias outras famílias, que iam se conciliando em matrimônio aos poucos, tornando o grupo com um grau de parentesco ainda maior, e em maior quantidade de pessoas.

O cigano Marcelino criou laços muito fortes com fazendeiros e figuras políticas na cidade de Equador e região, tendo um de seus filhos casando-se com uma não-cigana de uma família influente da cidade, na época.

No ano de 1977, Marcelino veio a óbito. Com o seu falecimento, as famílias se espalharam, indo para regiões diversas da Paraíba e Pernambuco, ainda com o estilo de vida nômades. Os filhos do cigano Marcelino, juntamente com suas esposas e a viúva do mesmo, decidiram ficar na cidade cujo corpo do seu pai estava sepultado. Um dos filhos do mesmo já residia como sedentário em Equador.

Aos poucos, foram deixando o sistema de nomadismo para um tipo de “semi-nomadismo”, onde viajavam, passavam certo período de tempo em outras regiões, e voltavam para Equador, como ponto de partida e chegada, até que sedentarizaram-se de fato, em um processo que teve início devido aos laços de fraternidade do seu antigo líder com figuras locais, e tendo como marco a morte do seu líder.

Com o passar dos anos, famílias que fizeram parte do grupo por determinado período de tempo, e que mantiveram a vida de nômade ou semi-nômade por um período acabaram retornando a Equador, até que alguns fixaram-se aqui como os que já estavam.

Segundo uma cigana residente em Equador, ao ser questionada (Apêndice A) sobre quais foram as maiores dificuldades enfrentadas pelo grupo para fixarem moradia no município, afirmou:

Uma das maiores dificuldades enfrentadas dentre as inúmeras, foi desmistificar a imagem criada acerca de nós pela sociedade, sequer conheciam nossa cultura e costumes, pois antes do nosso clã, ninguém tinha convivido com cigano antes, entretanto pelo fato de haver rumores que ciganos eram conhecidos como ladrões de crianças, enganadores e *trambiqueiros*, isso dificultou muito nossa chegada aqui.

Ainda conforme a cigana da comunidade, ao que se refere à relação entre a população não-cigana equadoreense e os ciganos, ela destaca que ainda há “um grande preconceito enraizado”. No que diz respeito à realidade cigana no município, declara que enxerga esta como:

Uma realidade que precisa ser mudada, precisamos de mais olhares, por sermos uma comunidade considerada como minoria no Brasil, tendo em vista que não existe por parte do governo federal nenhuma política pública voltada para nós. E vejo possibilidades de nós mesmos mudarmos essa realidade de “marginalizados”, aqui no município através da educação, temos conseguido entrar nas universidades, e tentamos entrar no mercado de trabalho. Precisamos de mais, pois o nosso direito muitas vezes é negado ou até mesmo esquecido.

Além disso, quando perguntado quais situações preconceituosas a comunidade já enfrentou por meio da sociedade, ela descreve que houve períodos em que a entrada em ambientes públicos era censurada:

Passamos por momentos em que não podíamos sequer entrar em órgãos públicos e estabelecimentos comerciais, principalmente as mulheres, pois os trajes denunciavam que eram ciganas. Comerciantes achavam que íamos roubar, impedindo assim a nossa entrada em seus comércios. Certa vez lembro que uma professora me presenteou com uma calça, pois as regras impostas pela escola exigiam isso, como criança e cigana nunca tinha sequer usado uma calça em toda minha vida. Essas são uma das poucas situações que pude vivenciar.

Por muito tempo, como é possível observarmos, ser cigano para a população equadoreense e sociedade em geral era sinônimo de ser ladrão e trapaceiro, o que culminava em uma total rejeição e exclusão do povo cigano do seio da população

local. Exclusão por serem vistos e tratados de maneira preconceituosa, em relação a algo que a própria sociedade criou referente aos mesmos, e rejeição por não aceitarem como o são, a citar como exemplo o fato vivenciado, no qual a escola não aceitaria uma vestimenta que não fosse calça, sendo que para a cultura cigana isso era algo desconhecido, e que desfazia de todo costume de um povo. Todavia, hoje o município busca, em conjunto com suas secretárias assistirem ao grupo cigano.

Como trabalhos desempenhados pelo município com a comunidade cigana, a secretária da Assistência Social, relata (Apêndice B) que são realizados encontros com mulheres e crianças ciganas no Centro de Referência a Assistência Social – CRAS, esses encontros acontecem durante cada quarta-feira do mês. São desenvolvidas oficinas de artesanato e fortalecimento de vínculos, pelo como, acompanhamento psicológico e social com o grupo.

Também se dispõe de um Plano Municipal de Políticas Públicas para a comunidade cigana:

Nele todas as secretarias municipais tais como: Saúde, Educação, Agricultura e Assistência ofertam ações voltadas a comunidade, cada uma em sua especificidade onde todas tem o mesmo objetivo fortalecer a cultura no município, e tirar os mesmos da margem da vulnerabilidade social.

Com relação aos direitos garantidos ao grupo cigano, a residente da comunidade afirma que:

O caminho a ser traçado ainda é longo no que se diz respeito a direitos garantidos e políticas públicas efetivas, já que não existe nenhum estatuto que rege a garantia desses direitos. No entanto, lutamos e conseguimos junto ao poder público municipal um TAC (Termo de ajustamento e Conduta), na qual nos oferece alguns serviços e direitos que antes não tínhamos, como: Saúde e Educação.

A história do grupo cigano em Equador é marcada por lutas e desafios, como todo o seu povo, sofre com preconceitos que estão enraizados no saber popular, saber este, que marginaliza e causam marcas dolorosas, preconceitos como serem considerados ladrões, trapaceiros, vigaristas e outras conotações que são agressivas e ofendem toda uma cultura.

Podemos perceber que mesmo depois de muito tempo, após muitos desafios e preconceito enfrentado, que a comunidade cigana tem perseverado, lutado por garantias e direitos, e aos poucos o poder municipal tem buscado ofertar ações voltadas a este povo, visando tira-los da margem da vulnerabilidade. É possível ver ciganos formados, ciganos entrando nas universidades, ciganos pondo seus nomes para servirem no poder legislativo do município.

Além das ações e políticas públicas por parte do município para com a comunidade cigana, e todo o esforço para o fortalecimento da cultura desse povo, através de grandes desafios, a comunidade, tal como citado anteriormente pela cigana entrevistada, conseguiu um TAC – Termo de Ajustamento e Conduta para os ciganos munícipes, esse termo, segundo a PREVIC – Superintendência Nacional de Previdência Complementar é um recurso empregado pela administração pública do Brasil para “promover a adequação de condutas tidas como irregulares pela legislação ou contrárias ao interesse público”, sendo assim, propiciou, no caso da comunidade cigana em Equador, a regularidade cultural do grupo.

Que os olhares, especialmente das autoridades municipais, possam ser e estar sempre voltados para a comunidade, mantendo-os inseridos na sociedade, através dos serviços que os mesmos podem prestar ao município, visto que há ciganos formados, há ciganos que estão se formando e breve poderão desenvolver

sua profissão em algum lugar no município, que os que podem trabalhar por este povo, possam fazer de fato, não negando o que é de direito.

Contudo, observamos que, apesar de todas as dificuldades que foram e são enfrentadas, essa comunidade conseguiu fixar sua moradia, partindo do estilo de vida nômade para a sedentarização e territorialização. Com isso, novos desafios surgem, entre eles, a preservação de sua cultura.

4 DO NOMADISMO À TERRITORIALIZAÇÃO: COMO MANTER A CULTURA?

Para começarmos a entender o processo de territorialização, especificamente com a comunidade cigana em Equador, precisamos compreender um pouco mais sobre o conceito de território, uma das categorias geográficas.

Para isso, abordaremos o conceito através de definições de autores que trabalham o assunto, visto que esse conceito é conhecido por aplicações sobre o poder exercido em determinado espaço, buscaremos analisar como tal se aplica em um contexto onde a cultura é um traço marcante a ser observado.

4.1 Considerações sobre o conceito de Território

O território é um dos conceitos-chaves da ciência geográfica, contudo, sua conceituação não é apenas empregada em Geografia, como afirma HAESBAERT (2002, p.18):

O conceito de território é amplamente utilizado não apenas na Geografia, mas também em áreas com Ciência política (especialmente no que se refere ao Estado) e a Antropologia (principalmente em relação às sociedades tradicionais, com vínculos espaciais mais pronunciados).

No entanto, apesar de ser um conceito muito trabalhado em diversas áreas do conhecimento, daremos enfoque a esse termo dentro da ciência geográfica. Vários são os autores que conceituam a categoria Território, como por exemplo, Souza (2001), Milton Santos (2002), Haesbaert (2007), entre outros.

O geógrafo brasileiro, Milton Santos (2002), sobre o território aborda:

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS, 2002, p. 10)

O termo território é muito aplicado na perspectiva de dominação, de poder, como é possível percebermos através da explicação de SOUSA (2001, p.78), “o território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”.

Para Rogério Haesbaert (2004, p.1), “o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica”, ou seja, a conotação material está ligada a dominação (jurídico-política). Assim como Milton Santos, Haesbaert (2004, p.1) afirma que o território também abrange uma identificação, um pertencimento, “podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de plenamente usufruí-lo, o território pode inspirar a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação” e ainda expõe:

O Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido implícito ou simbólico, de apropriação. (HAESBAERT, 2007, p.20).

Sendo assim, o território passa a envolver, ligado as relações de poder, o controle de uma área, seja ele, um controle prático ou simplesmente simbólico. Nesse aspecto, podemos identificar na comunidade cigana em Equador, um controle simbólico, visto que seu território que está relacionado à sua cultura, à sua identidade. (HAESBAERT 2004, p.5)

Quando relacionamos o território à cultura, em Geografia, Bonnemaion e Cambrèzy (1996, p.10) *apud* HAESBAERT (2002, p. 22-23), afirmam:

Nesta (...) perspectiva o pertencimento ao território implica a representação da identidade cultural e não mais a posição num polígono. Ela supõe redes múltiplas, refere-se a geo-símbolos mais que fronteiras, inscreve-se nos lugares e caminhos da ‘ideologia geográfica’”.

Posto isto, observamos a forte ligação existente entre a cultura e o território, o sentimento de pertencer, de ser, está profundamente enraizado na concepção territorial, mesmo que haja poucas produções que enfatizem esta relação.

Ainda podemos relacionar o território com escalas espaciais, segundo SILVA e ETGES (2019, p.7) as escalas variam do global ao local, dentre elas a escala, nacional, regional, estadual, e são de grande importância para a compreensão das dinâmicas territoriais, pois, nos permite uma melhor análise sócio-espacial. Como SILVA e ETGES (2019, p.7) afirmam: “acredita-se nas particularidades marcadas pelas heterogeneidades estruturais, as quais são construídas nos territórios, constituindo uma série de relações sociais, políticas e culturais.”

Deste modo, dentro das escalas territoriais estaremos trabalhando com a local, uma vez que, os municípios estão enquadrados nesta escala territorial, visto que o nosso objeto de estudo é a comunidade cigana que está localizada na cidade de Equador interior do Rio Grande do Norte.

Outro aspecto a destacarmos relacionado ao território, que está diretamente ligado ao nosso objeto de estudo é a territorialização. Conforme Haesbaert (2007, p.22) o “território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações”, entende-se por territorialização, a formação de um território, apropriação ou dominação.

Podemos caracterizar territorializações como fechadas, políticos-funcionais, flexíveis e efetivamente múltiplas. O grupo cigano do município potiguar se enquadra no processo de territorialização efetivamente múltiplas, como veremos mais adiante, visto que esta, segundo Haesbaert (2004, p.08), se refere a grupos de indivíduos que constroem territórios com conexões flexíveis e multi-identitários.

4.2 O nomadismo cigano, processo de territorialização e a territorialidade

Podemos compreender a territorialização como o “meio do qual indivíduo e sociedade experimentam e dotam de significado seu “espaço” físico ou virtual de convivência.”, Almeida (2014, p.75), ou seja, através desse processo, o espaço passa a ser um território com um valor afetivo e com a identidade do grupo social do qual se deu a territorialização.

Ainda sobre esse processo, Almeida (2014, p.75) afirma que “caracteriza-se pelo maior controle e mobilidade dos fluxos/redes, assim como por suas diversas

conexões.". Sendo assim, o processo de territorialização está relacionado á um sentido de dominar e apoderar-se de um espaço "que se dá no processo próprio de produção desse espaço, tanto material quanto simbólico.". (Fuini, 2017, p. 22).

A territorialização, como vimos anteriormente, pode ser classificada de quatro formas, segundo Haesbaert (2004, p.6), em territorializações fechadas, políticos-funcionais, flexíveis e efetivamente múltiplas. Para entendermos melhor o que caracteriza uma territorialização efetivamente múltipla, a fim de sabermos o por que a territorialização em Equador se enquadra nesse processo, Haesbaert (2004) explica:

Territorializações efetivamente múltiplas – uma "multiterritorialidade" em sentido estrito, construídas por grupos ou indivíduos que constróem seus territórios na conexão flexível de territórios multifuncionais e multi-identitários. (HAESBAERT, 2004, p.8)

Deste modo, podemos compreender que o processo de territorialização cigana é classificado através das territorializações efetivamente múltiplas, pois se trata de um grupo étnico com conexão flexível com a sociedade em que está inserido, implantando nesse meio a sua identidade bem definida.

O processo de territorialização possui quatro objetivos, consoante Haesbaert (2004), que são:

- abrigo físico, fonte de recursos materiais ou meio de produção;
- identificação ou simbolização de grupos através de referentes espaciais (começar pela própria fronteira).
- disciplinarização ou controle através do espaço (fortalecimento da idéia de indivíduo através de espaços também individualizados);
- construção e controle de conexões e redes (fluxos, principalmente fluxos de pessoas, mercadorias e informações). (HAESBAERT, 2004, p.5)

À vista disso, é possível perceber que os dois primeiros objetivos estão bem presentes na comunidade cigana da localidade, pois o abrigo e a identificação cultural do grupo foram um fator determinante no decorrer do processo de territorialização que se deu no município.

A territorialização, ou seja, o processo de apropriação do território da comunidade cigana em Equador é caracterizado através do reconhecimento dado a localização do grupo dentro da cidade, pois, os ciganos munícipes, em grande parte, residem na Rua Joaquim Pedro da Silva, situada no Bairro Dinarte Mariz, onde anteriormente montavam seus acampamentos. Os ciganos estão presentes nesta rua desde a sua chegada ao município, onde iniciaram o processo de territorialização através dos enlances matrimoniais.

Com isso, nos dias atuais, em virtude de todo o tempo em que estão situados naquela localidade, a rua passou a ser conhecida por toda a população equadoreense, mesmo que não oficialmente pelo poder publico, como a "rua dos ciganos". A territorialização dessa comunidade passou a ser reconhecida pelos habitantes do município, apesar de, quantitativamente, os ciganos não serem a maioria de residentes deste endereço, sua apropriação e identidade marcaram o local.

Os ciganos que deram início a essa comunidade eram nômades, ou seja, viviam o nomadismo. Sendo o nomadismo é uma prática antiga que consiste em um estilo de vida em que as pessoas não possuem uma moradia fixada em um só lugar, ou seja, são itinerantes, estão sempre se deslocando para lugares diferentes.

O Nomadismo cigano é um fato muito conhecido, eles, com suas barracas, se fixavam em alguma cidade por um período de tempo e após esse período, partiam

rumo á outro município. Segundo Teixeira (2008, p.38) “O nomadismo propiciava que as fronteiras dos territórios ciganos fossem portáteis.”

Para Teixeira (1998, p.33) o nomadismo cigano não impedia a formação de território, pois, nessa constante mudança de área, o mesmo possibilitava fronteiras transportáveis para o território cigano. Contudo, nas últimas décadas os grupos ciganos estão abandonando o nomadismo e fixando suas comunidades em municípios, ou seja, tornando-se sedentários e se territorializando. É comum estabelecer uma ligação direta entre ser cigano e ser nômade, desqualificando assim os grupos sedentários como “verdadeiros” ciganos, contudo Moonem (1944, p.19-20) afirma:

Sabe-se que, por motivos diversos, hoje apenas uma minoria cigana é nômade. Por isso, para alguém ser um “verdadeiro” cigano, não há porque exigir que ele tenha uma vida nômade. Ciganos nômades ainda existem, mas muitos hoje são semi-nômades ou sedentários: os nômades viajam regularmente, os semi-nômades (ou semi-sedentários) viajam somente durante parte do ano e ficam em acampamentos fixos ou em casas e apartamentos durante o resto do tempo; os sedentários deixaram de viajar por completo ou viajam dificilmente, mas nem por isso deixaram de ser ciganos.

Reafirmando a ligação do território com a identidade, conforme abordado por Haesbaert (2007) e Milton Santos (2002), Vaz (2009, p.89) em seu trabalho sobre a territorialização cigana diz que “o território será entendido enquanto produto e produtor de identidade”, sobre a identidade cigana Vaz (2009, p.89) diz ainda que “a identidade dos ciganos é entendida como o acúmulo de experiência de vida, da incorporação de valores e das representações elaboradas após a ampliação dos seus conhecimentos.”. Dentre a discussão sobre o processo de territorialização de uma comunidade cigana é importante salientar o conceito de territorialidade presente nesse meio, Haesbaert (2007, p. 22) destaca:

A territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar”.

Haesbaert (2007, p.26) ainda afirma que umas das concepções entre a relação que existe entre território e territorialidade se dá a partir do ponto de vista da “Territorialidade como concepção mais ampla que território, que o engloba (a todo território corresponderia uma territorialidade, mas nem toda territorialidade teria, necessariamente um território)”. Nesta perspectiva, a territorialidade não está restrita a construção territorial, o território físico, mas, refere-se à identidade territorial.

Ainda sobre o conceito de territorialidade, o mesmo é abordado por VAZ (2009, p.88) com enfoque nos grupos ciganos, onde ele coloca:

A territorialidade é a qualidade subjetiva do grupo social ou do indivíduo que lhe permite, com base em imagens, representações e projetos, tomar consciência de seu espaço de vida. Portanto, acredita-se que o espaço ocupado pelos ciganos, reflete todo um “rearranjo” espacial e a formação de uma territorialidade que apresenta uma referência básica que é a consolidação do espaço vivido, construído a partir da percepção do grupo cigano.

Dentro da comunidade cigana, seu território é de grande importância, é nele que sua identidade é firmada e sua cultura passada de geração em geração, visto

que suas tradições são repassadas uns aos outros através da oralidade, buscando sempre manter viva suas características, tradições e cultura. Como afirma o presidente da Embaixada Cigana no Brasil:

Através de nossas tradições conseguimos manter nossa identidade (romanipen) no decorrer dos séculos. Elas sempre foram transmitidas de forma oral entre avós, pais e filhos. Portanto, é na vida familiar que nossas tradições tiveram e continuam tendo força. Elas nos acompanham do nascimento à morte. (RAMANUSH, 2011. p.8)

Sendo assim, após compreendermos melhor a territorialidade cigana podemos buscar conhecer melhor a sua cultura, pois esta é a identidade do seu povo.

As comunidade cigana de Equador, hoje, encontram-se totalmente sedentarizados, as crianças do grupo já nasceram com esse estilo de vida e muito dos jovens se estabeleceram ainda sendo crianças, pois chegaram em tenra idade na cidade.

A territorialização se deu através de um processo em que não apenas eles, os ciganos passaram a se sentir parte do ambiente em que estavam inseridos, mas também a cidade passou a os enxergar como parte integrante e principal do local onde se estabeleceram, denominando-o al como “rua dos ciganos”. Não se pode afirmar que foi um processo rápido e sem desafios, a comunidade passou por discriminação, por falta de assistência em muitas vezes. Quando o grupo começou a fixar moradia, não já começaram em casas, mas em acampamentos, com o passar do tempo foram adquirindo suas moradias fixas. A comunidade, através de sua persistência e resistência, criou a sua identidade no ambiente inserido.

As características do grupo, antes de toda a pandemia, eram de grandes festas familiares, danças, fogueiras em datas festivas, músicas. Quanto a vestimenta, em especial os jovens, em nada diferem do vestiário popular, as mulheres mais velhas, no entanto, se vestem de saias mais longas e os homens mais velhos estão sempre de calça e na maioria das vezes de camisa social.

A relação estabelecida entre a comunidade cigana e o local, a cidade, é de respeito e pertencimento, o grupo é reconhecido na cidade, os órgãos públicos, as escolas buscam trabalhar e promover cada vez mais o conhecimento sobre a cultura dos ciganos e qual a história deste povo. Pois é, por meio do conhecimento e promoção da cultura que cada vez mais os paradigmas e preconceitos são quebrados e podemos promover uma sociedade mais justa e livre de injustiças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A CULTURA CIGANA E SEUS DESAFIOS

Cultura, segundo Botelho (2001, p.74) é produzida “através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas”, com isso, podemos observar que a cultura caracteriza uma coletividade, estando diretamente ligada a identidade.

O conhecimento da cultura cigana está envolto em muitos mitos, generalizações e preconceitos, visto que pouco se conhece sobre tal, pois como observado anteriormente, as tradições e valores culturais são transmitidos através da oralidade. Contudo nos últimos anos, mais documentos estão sendo produzidos por ciganos, contando eles mesmos sobre a história do seu povo. O cigano Nicolas Ramanush (2011, p.4), em sua obra “Cultura Cigana, nossa história por nós” inicia

seu trabalho da seguinte maneira: “Bem, eis um pouco de nossa história contra as generalizações”, pois, muito das obras escritas por ciganólogos, aqueles que estudam os ciganos e seu comportamento, não passam de um conhecimento raso e superficial.

Consoante a cigana entrevistada da comunidade, sobre buscar conhecer a cultura cigana:

Adentrar no universo cigano significa mistério e surpresas recorrentes, estudar a nossa cultura e tradições é muitas vezes uma fantasia, tendo em vista que poucos são os escritos que falam sobre nosso povo, desde nossa infância o mundo nos enche com imagens do desconhecido, sonhos e fantasias que estão envoltos no espaço infinito das possibilidades e reflexões.

Conhecer a cultura cigana está além de aprender apenas tradições e costumes desse povo, é compreender um estilo de vida, a forma como eles enxergam o mundo e como suas ações estão firmadas naquilo em que acreditam. Sua cultura é a sua vida.

A cultura cigana, segundo Ramanush (2011, p.10) “não é universal, ao contrário, é bem diversificada, contudo, com características comuns a todos os grupos ciganos”. Ele afirma a cultura cigana possui duas colunas principais, a saber, os valores espirituais e os materiais.

Os valores espirituais estão relacionados a medicina cigana, a suas ideias religiosas, “quanto à religiosidade cigana é sabido que os grupos adotam a religião dominante no país, onde foram acolhidos” RAMANUSH (2011, p.10) e o seu folclore. Já os valores materiais são aqueles que são produzidos através do trabalho típicos dos grupos, tais como o artesanato, criação, compra e venda de animais, em especial, cavalos, forjas de ferro, contudo, ainda conforme Ramanush (2011, p.11), “Com o passar do tempo temos visto, gradativamente, a perda de nossa cultura material. Pois, a tecnologia e seus adventos tomaram o espaço que antes pertencia às nossas artes e ofícios”.

Sobre a cultura do grupo cigano em Equador, a cigana residente no município afirma:

Não tem sido fácil manter a nossa cultura e tradição, um exemplo disso é o nomadismo, tivemos que nos sedentarizar, justamente pelas imagens anticiganas que foram criadas acerca de nós, ser cigano é travar uma luta todos os dias contra a o preconceito insolente da sociedade.

O processo de sedentarização foi um grande impacto na cultura cigana local, pois eles são um grupo que viviam em constante movimento, indo cidade após cidade e estabelecendo seus acampamentos. Apesar disto, a cultura cigana vem resistindo, e cada vez mais apresentada à população Equadoreense.

Uma das formas de manter a cultura cigana sempre presente na comunidade em Equador, vem por meio do reconhecimento ao grupo de ciganos presentes na cidade. Anualmente, no mês de Maio, em encontro com o Dia Nacional do Cigano, a Prefeitura Municipal de Equador realiza “a semana do cigano” onde são promovidas atividades em todas as áreas do município, educação, saúde, cultura, conforme observamos no cartaz de divulgação da semana (Figura 1).

Figura 1 - Programação desenvolvida pela Prefeitura de Equador em comemoração ao dia do Cigano.



Programação para o Dia dos Ciganos na cidade de Equador/RN

ACÇÕES DA SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE: (Dia 24/05)

- Aferição de Pressão Arterial;
- Testes Rápidos;
- Glicemia Capilar;
- Eletrocardiograma;
- Palestra com Equipe Nasf;
- Coffee Break;

ACÇÕES DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO:

- Durante toda a semana será trabalhado atividades educativas voltadas para a Cultura Cigana;
- Encontro com os coordenadores pedagógicos com a temática: A Cultura Cigana no Município de Equador (21/05);
- Encontro com os professores com a presença do Cigano Marcondes Dantas sobre a Cultura Cigana (23/05) á partir das 17:30 hs;

ESCOLAS MUNICIPAIS:

CRECHE RITA DE CÁSSIA

- Exibição de vídeos e exposição de vestes e acessórios ciganos;

CEMEI

- Exibição de vídeos e apresentação de danças por representantes da comunidade cigana;

U.E.Pe. JOSÉ DE ANCHIETA

- Roda de conversa e produção de textos e desenhos;

JESSÉ FREIRE FILHO

- Roda de conversa com a participação de representantes da comunidade cigana;

ACÇÕES DA SECRETARIA MUNICIPAL DO TRABALHO, HABITAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

- Missa de Ação de Graças para toda a Comunidade;
- Jantar de encerramento das atividades alusivas em comemoração ao dia dos Ciganos no SCFV (Grupo de Idosos) 24/05/ Sexta-Feira
- Viagem com destino para Carnaúba dos Dantas (Monte do Galo) Dia 25/05

Fonte: Prefeitura Municipal de Equador, 2019

A comemoração da Semana do Cigano iniciou-se no ano de 2014, no governo da Prefeita Noeide Clemens Ferreira de Oliveira. O intuito desse evento, para além de comemorar essa data que é de grande importância para os ciganos no Brasil, pois marca o reconhecimento do país para com os ciganos, é promover o conhecimento e valorização cultural desse povo. Além de tornar cada vez mais conhecido as tradições da comunidade presente no município.

As ações da Semana são realizadas com o grupo individualmente, como os serviços da saúde de aferição da pressão arterial e testes de glicemia, mas também há as programações voltadas para a população local. O município busca levar á todas as escolas municipais, atividades voltadas para a cultura cigana, como a exibição de vídeos sobre as vestes ciganas, bem como de apresentações das danças desse povo.

No encerramento, anualmente, é promovido um jantar onde a comunidade cigana local apresenta suas canções e danças para os presentes (anexo 1), mostrando assim um pouco de suas raízes para os não-ciganos que estão participando do momento.

Todavia, seria mais bem aproveitada essa semana se as atividades promovidas nas escolas fossem apresentadas pelos próprios ciganos do município e não através de vídeos; onde as próprias crianças ciganas que frequentam as escolas mostrassem suas danças e vestimentas. Mas, é de suma importância enfatizar a relevância desse evento no município, em especial o ensino cultural nas instituições de ensino local, pois é através do ensino as novas gerações que o preconceito vai sendo cada vez mais desarraigado de Equador e promove mais ano após ano a valorização dessa cultura tão rica..

Pois, a desvalorização cultural cresce mais a cada dia, nossa sociedade está em constante transformação, os ideais muitas vezes são esquecidos. Nessa realidade o novo desafio a ser enfrentado pela comunidade cigana tem sido a de manter a sua cultura. É possível permanecer-se fiel e manter a cultura cigana, mesmo, diante de todo esse novo cenário? A entrevistada do grupo afirma que é sim

possível manter a cultura, “porém, tem dias que fracassamos e buscamos uma força que só nós ciganos sabemos como encontrar, dentro de nós mesmos.”.

Em suma, para manter-se a cultura viva na comunidade e também no município, os ciganos buscam fortalecerem-se em si mesmos, nas suas raízes, na sua luta, na sua história, para que possam tornar cada vez mais conhecido esse povo e suas tradições, buscando vencer todas as barreiras impostas, pois, como afirma a cigana entrevistada, “ser cigano é algo incrível, é essência, é luta, é apego e quase sempre renúncia.”.

Com isso, nós podemos perceber, como anteriormente citado, que cultura de um povo também está relacionado à questão do território, pois promove uma identidade específica no local, visto que a territorialidade se interliga a questões e aspectos culturais, estando ligado a apropriação da terra. HAESBAERT (2007, p. 22)

Assim sendo, todos os trabalhos realizados na cidade de Equador para tornar mais conhecida a cultura cigana, vem do reconhecimento do território cigano estabelecido no município, onde a territorialidade fica evidente no modo como todo o grupo orgulha-se de suas raízes e transmite para o espaço em que estão inserido suas histórias e tradições, demonstrando toda a resistência de uma cultura rica e que merece a cada dia se tornar cada vez mais reconhecida.

Podemos observar que os ciganos são um povo historicamente e culturalmente rico. Sua história é marcada por lutas, perseguições, injustiças e preconceitos. No entanto, mesmo em face de todas as dificuldades, permanecem fiéis a sua cultura, as suas tradições. O território cigano está diretamente ligado ao pertencimento, à identidade, ao ser cigano.

A comunidade cigana em Equador, não diferente de todo o restante dos ciganos espalhados pelo mundo, enfrentaram muitos desafios para poderem estabelecer seu território no município. O preconceito enraizado na sociedade foi uma das maiores dificuldades a serem enfrentadas ao se territorializarem no município. Contudo, apesar de todas essas dificuldades, eles conseguiram fixar sua moradia, e usufruir de seus direitos básicos, que outrora eram privados.

Não há dúvida que ainda existe muito a ser mudado quanto aos pensamentos sobre os ciganos, entretanto, muitas foram vitórias já foram conquistadas. Uma delas e suma importância para comunidade em Equador foi o reconhecimento por parte do poder municipal. Hoje, os ciganos na localidade buscam a cada dia reafirmarem e manterem a sua cultura, mesmo em meio a todas as mudanças que ocorrem na sociedade dia após dia e mediante ao preconceito que ainda persiste nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Denise Ribeiro de. **O Mito da Desterritorialização: Do Fim dos Territórios à Multiterritorialidade**. Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 6ª ed. 2011.

ANDRADE JÚNIOR, Lourival. **Os ciganos e os processos de exclusão**. Revista Brasileira de História, vol. 33, núm. 66, jul./dez. 2013. Associação Nacional de História. São Paulo, Brasil. Disponível em: . Acesso em: 14 nov. 2019

BLUTEAU, Rafael, SILVA, Antônio de Moraes. “Cigano”, In: **Vocabulário português, & latino 1638-1734**. 1789. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5412>. Acesso em: 14 nov. 2019.

BRASIL. **DNN 10841, Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Disponível em: . Acesso em: 03 nov. 2019.

BRASIL. **Termo de Ajustamento e Conduta – TAC**. Superintendência Nacional de Previdência Complementar. Brasília. 2020. Disponível em: . Acesso em: 23 nov. 2020

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. São Paulo Perspec. vol.15 no.2 São Paulo Apr./June 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8580.pdf> . Acesso em: 11 nov. 2020

FUINI, Lucas Labigalini. **O território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações**. Geografia, Ensino & Pesquisa, Vol. 21 (2017), n. 1. Disponível em: . Acesso em: 26 nov. 2020

GUIMARÃES, Marcos Toyansk Silva. **O associativismo transnacional cigano: identidades, diásporas e territórios**. 2012. Tese de doutorado. USP. São Paulo. Disponível em: . Acesso em: 16 nov. 2019

HAESBAERT, Rogério. **Concepções de território para entender a desterritorialização**. In. SANTOS (Org). Território territórios. Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGeo-UFF/AGB. Niterói. 2002.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Artigo. UFRGS, Porto Alegre. 2004. Disponível em: . Acesso em: 18 out. 2020

HAESBAERT, Rogério. **Território e multiterritorialidade: Um debate**. Universidade Federal Fluminense. Rev. *GEOgraphia* – Ano IX – Nº 17. 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/6966780/TERRIT_RIO_E_MULTITERRITORIALIDADE_UM_DEBATE. Acesso em: 18 out. 2020

MEDEIROS, Luana Antonino de; SOARES, Maria de Lourdes. **Os ciganos no Brasil, identidade e cidadania**. IX Jornada Internacional de Políticas Públicas. CIVILIZAÇÃO OU BARBÁRIE: O futuro da humanidade. UFMA. São Luís – MA. 2019. Disponível em: . Acesso em: 10 out. 2020

MICHAELIS, Henriette; VASCONCELOS. **Dicionário Michaelis**. Ed. Melhoramentos Ltda. 2019.

Disponível em: . Acesso em: 04 nov. 2019

MOONEM, Frans(1944). **Anticiganismo : Os ciganos na Europa e no Brasil**. 3ª edição digital revista e atualizada. Núcleo de estudos ciganos. Recife – PE. 2011.

RAMANUCH, Nicolas. **Cultura Cigana, nossa história por nós**. Embaixada Cigana do Brasil. 2011. Ensaio. Fundação Biblioteca Nacional.

RAMANUCH, Nicolas. **Etnicidades ciganas no Brasil**. Site da Embaixada Cigana no Brasil. São Paulo. Artigo. Disponível em: http://www.embaixadacigana.org.br/eticidades_ciganas_no_brasil.html. Acesso em: 15 nov. 2019

SANTOS, Milton. (Org.). **Território territórios**. Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGeo-UFF/AGB. Niterói. 2002.

SILVA, Taciane Lais da; ETGES, Virginia Elisabeta. **A análise multiescalar nos estudos das dinâmicas territoriais e suas implicações no desenvolvimento regional**. XVIII – ENANPUR. Natal. 2019. Disponível em: . Acesso em: 26 nov. 2020

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento**. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.77-116. Disponível em: . Acesso em: 03 nov. 2020

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **Correria de Ciganos pelo território mineiro (1808 - 1903)**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte. FAFICH / UFMG. 1998. Disponível em:<>. Acesso em: 18 nov. 2019.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos ciganos no Brasil**. Núcleo de estudos Ciganos. Recife. 2008. Dissertação. Disponível em:http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/rct_historiaciganosbrasil2008.pdf . Acesso em 01 nov. 2019

VAZ, Ademir Divino. **Geografia e diversidade cultural. Territorialização de um grupo cigano em Goiás, Brasil**. Cuadernos de Geografía, Revista Colombiana de Geografía. Bogotá, Colombia. 2009. Disponível em: . Acesso em: 18 out. 2020

APÊNDICE A



ENTREVISTA COM CIGANO DA COMUNIDADE EM EQUADOR

- 1) A qual grupo étnico vocês fazem parte?

Calon

- 2) Já sofreu preconceito ou discriminação por parte da sociedade pelo fato de serem ciganos?

Sim. Passamos por momentos em que não podíamos sequer entrar em órgãos públicos e estabelecimentos comerciais, principalmente as mulheres, pois os trajés denunciavam que eram ciganas. Comerciantes achavam que íamos roubar, impedindo assim a nossa entrada em seus comércios. Certa vez lembro que uma professora me presenteou com uma calça, pois as regras impostas pela escola exigiam isso, como criança e cigana nunca tinha sequer usado uma calça em toda minha vida. Essas são uma das poucas situações que pude vivenciar.

- 3) Como é a relação da população do município com os ciganos? Em sua maioria?

Ainda há por parte da população um grande preconceito enraizado.

- 4) Como você enxerga realidade dos ciganos em Equador?

Enxergo como uma realidade que precisa ser mudada, precisamos de mais olhares, por sermos uma comunidade considerada como minoria no Brasil, tendo em vista que não existe por parte do governo federal nenhuma política pública voltada para nós. E vejo possibilidades de nós mesmos mudarmos essa realidade de “marginalizados”, aqui no município através da educação temos conseguido entrar nas universidades, e tentamos entrar no mercado de trabalho. Precisamos de mais, pois o nosso direito muitas vezes é negado ou até mesmo esquecido.

- 5) O município presta alguma assistência, desenvolve alguma política pública com a comunidade cigana?

Em partes sim, pois sabemos que o caminho a ser traçado ainda é longo no que se diz respeito a direitos garantidos e políticas públicas efetivas, já que não existe nenhum estatuto que rege a garantia desses direitos. No

entanto, lutamos e conseguimos junto ao poder público municipal um TAC (Termo de ajustamento e Conduta), na qual nos oferece alguns serviços e direitos que antes não tínhamos, como: Saúde e Educação.

- 6)** Como a comunidade cigana chegou ao município de Equador? Quais foram os maiores desafios para chegarem até aqui?

Aproximadamente em meados dos anos 80, chegavam os primeiros comboios de ciganos em Equador- RN. Uma das maiores dificuldades enfrentadas dentre as inúmeras, foi desmistificar a imagem criada acerca de nós pela sociedade, sequer conheciam nossa cultura e costumes, pois antes do nosso clã, ninguém tinha convivido com cigano antes, entretanto pelo fato de haver rumores que ciganos eram conhecidos como ladrões de crianças, enganadores e trambiqueiros, isso dificultou muito nossa chegada aqui.

- 7)** Para você, o que é ser cigano?

Vou resumir em algumas palavras, pois pra mim ser cigano é algo incrível, é essência, é luta, é apego e quase sempre renúncia.

- 8)** Quais as principais características que definem os ciganos? Como manter a cultura em uma sociedade em constante transformação? É possível?

Adentrar no universo cigano significa mistério e surpresas recorrentes, estudar a nossa cultura e tradições é muitas vezes uma fantasia, tendo em vista que poucos são os escritos que falam sobre nosso povo, desde nossa infância o mundo nos enche com imagens do desconhecido, sonhos e fantasias que estão envoltos no espaço infinito das possibilidades e reflexões. Não tem sido fácil manter a nossa cultura e tradição, um exemplo disso é o nomadismo, tivemos que nos sedentarizar, justamente pelas imagens anticiganas que foram criadas acerca de nós, ser cigano é travar uma luta todos os dias contra o preconceito insolente da sociedade. É possível manter a cultura nessa sociedade de transformações? Sim, porém, tem dias que fracassamos e buscamos uma força que só nós ciganos sabemos como encontrar, dentro de nós mesmos.

APÊNDICE B



ENTREVISTA COM ASSISTENTE SOCIAL

- 1) Quantos ciganos residem na comunidade do município de Equador?

Aproximadamente 50 ciganos

- 2) Qual a faixa etária da comunidade? Quantas crianças? Quantos jovens? Quantos adultos e quantos são idosos?

Comunidade jovem, 14 crianças, 05 jovens, 25 adultos, 07 idosos.

- 3) Onde fica localizado no município a comunidade cigana? Todos tem moradia fixa?

Localizado no bairro Dinarte Mariz, 99% tem moradia fixa.

- 4) Como o município tem assistido essa comunidade?

Tem um grupo de mulheres e crianças ciganas que se encontram toda quarta feira de cada mês no centro de referencia da assistência social (cras), onde são acompanhados pela equipe técnica (assistente e psicóloga) e desenvolvem oficinas de artesanatos e fortalecimento de vínculos.

- 5) O município dispõe de políticas públicas direcionadas especialmente a comunidade cigana? Quais?

Sim, temos um plano municipal de políticas públicas onde nele todas as secretarias municipais tais como: saúde, educação, agricultura e assistência ofertam ações voltadas a comunidade, cada uma em sua especificidade onde todas tem o mesmo objetivo fortalecer a cultura no município, e tirar os mesmos da margem da vulnerabilidade social.

ANEXO I

Semana do Cigano em Equador/RN, jantar de encerramento.

Figura 2: Estandarte do Grupo de Ciganos em Equador-RN



Fonte: Prefeitura Municipal de Equador, 2019

Figura 3: Mulheres ciganas do grupo em Equador - RN



Fonte: Prefeitura Municipal de Equador, 2018

Figura 4: Apresentação de cantor cigano



Fonte: Prefeitura Municipal de Equador, 2019

Figura 3: Mulheres ciganas do grupo em Equador - RN



Fonte: Prefeitura Municipal de Equador, 2019

Figura 4: Homens ciganos do grupo em Equador - RN



Fonte: Prefeitura Municipal de Equador, 2019